

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 15 - Desafios teóricos, metodológicos e éticos em pesquisas com/de mídias e plataformas
digitais

Redes sociais e a ascensão da extrema direita: uma análise da comunicação política digital e
os riscos da desinformação na democracia brasileira

Maria Fernanda Poças Gonçalves¹

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL),
mariafernandapocas@gmail.com

INTRODUÇÃO

“O século XXI, até o momento, foi marcado pelo “retorno” e naturalização da extrema direita como um ator político relevante no cenário mundial” (Mayer, 2023, p. 1). Além disso, o avanço contínuo das tecnologias digitais, inscrito na racionalidade neoliberal, tem contribuído para a construção de um ambiente propício à disseminação de narrativas extremistas e antissistêmicas na arena política, muitas vezes tensionando e fragilizando as bases das democracias contemporâneas. No contexto brasileiro, esse processo assume contornos específicos: as dinâmicas digitais de desinformação e polarização não apenas se intensificam, mas também se entrelaçam a uma formação histórica marcada por desigualdades estruturais e conflitos latentes, potencializando seus efeitos e complexificando sua compreensão.

Não é à toa que o Dicionário Oxford definiu “pós-verdade” como a palavra do ano em 2016², referindo-se às circunstâncias nas quais os fatos são menos influentes na opinião pública em comparação com as crenças pessoais e emoções (Oliveira; Gomes, 2019). Nesse contexto, ao explorar essa crise de confiança na verdade factual, o ativismo extremista contemporâneo consolida sua estratégia de poder. Observa-se que a direita radical se apoia articulando principalmente o anti-intelectualismo e teorias conspiratórias, nas quais as mídias sociais atuam como principais amplificadores dessa dinâmica discursiva (Miguel, 2022).

Considerando que a comunicação política evoluiu para analisar principalmente a interação entre políticos, jornalistas e a opinião pública, compreende-se como essencial para o debate democrático, o acesso à informações verídicas e espaços de discussão confiáveis (Canavilhas, 2009). Contudo, as redes sociais vêm se mostrando como ambientes potencialmente não democráticos, pois a mesma tecnologia que é capaz de mobilizar uma grande quantidade de público e promete um “Novo poder” (Youssef, 2018), é a que também restringe o debate à privatização. No caso brasileiro, nota-se que o contexto político também fez parte do contexto da ascensão da extrema direita nas redes sociais. Em 2013, os protestos organizados pelo Movimento Passe Livre, contra a então presidenta Dilma Rousseff, já contavam com o ativismo político nas redes sociais (Recuero, 2014). Neste contexto, o debate público já apresentava outra interface.

² O ano de 2016 é marco relevante para a ascensão contemporânea da extrema direita, em razão de eventos como a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), o impeachment de Dilma Rousseff no Brasil e a vitória presidencial de Donald Trump nos Estados Unidos, que expressam o fortalecimento de discursos nacionalistas, polarizadores e anti-institucionais em diferentes contextos.

Diferentemente do jornalismo tradicional, o debate se rodeava em torno de “memes” - produções culturais que se disseminam pelo ambiente digital por meio de piadas internas que variam entre sátiras, ironias e imitações -, os quais continham teor misógino e sexista e acompanharam a história presidencial de Dilma até o impeachment de 2016 (Carniel; Ruggi; Ruggi, 2018). Nesse sentido, não é por acaso que em 2018, Jair Bolsonaro vence as eleições presidenciais, apoiado sobre “uma narrativa de raiva do público contra a corrupção no governo, a desordem econômica e os retrocessos democráticos” (Fisher, 2023, p. 269). Assim, observa-se a ascensão do movimento bolsonarista, principalmente nas redes sociais, assim como outros movimentos ligados à direita radical.

A força mobilizatória da comunicação política de direita se demonstrou cada vez mais forte conforme nota-se sua influência cotidiana quando “Cada vez mais os alunos interrompiam os professores com uma acusação ou conspiração que haviam tirado do YouTube” (Fisher, 2023 p. 277). Esse fenômeno envolve também a atuação de criadores de conteúdos da extrema direita como o “Mamãe Falei” (Arthur do Val, MBL), Kim Kataguiri (MBL). De forma complementar, Nikolas Ferreira (PL), deputado federal de Minas Gerais mais votado do país em 2022, demonstrou bem os artifícios comunicativos da direita radical em seu vídeo contra uma suposta taxaço do pix pelo governo Lula. O vídeo obteve mais de 9 milhões de curtidas, 893 mil comentários e 5,8 milhões de compartilhamentos, e a narrativa antipetista e o alarmismo em torno de informações inverídicas fizeram parte do discurso de Nikolas ao longo do vídeo.

O que se busca esclarecer é que a proeminência da extrema direita nas redes sociais não pode ser atribuída apenas a uma suposta superioridade técnica em relação à esquerda. Antes disso, ela se ancora nas próprias condições estruturais do ambiente digital: a arquitetura das plataformas, orientada por lógicas algorítmicas de engajamento, tende a privilegiar conteúdos polarizadores, emocionais e extremos (Arão, 2025).

Dessa forma, não se trata apenas de um uso mais eficaz das ferramentas disponíveis, mas de uma convergência entre determinadas estratégias discursivas e um ecossistema comunicacional que as favorece. Ao compreender essa relação de interdependência, torna-se mais evidente que os riscos colocados à democracia não decorrem exclusivamente dos atores políticos em si, mas também da forma como a mediação tecnológica intensifica e amplifica dinâmicas já existentes. Assim, a ascensão da extrema direita nas redes sociais revela menos uma anomalia conjuntural e mais um efeito estrutural de um ambiente digital que, ao

privilegiar o extremismo, contribui diretamente para o agravamento da polarização e da desinformação no debate público.

Diante disso, o presente trabalho possui como objetivo principal debater, por meio de uma revisão bibliográfica, de que formas a direita radical se ascende nas redes sociais e como essa combinação pode ser prejudicial para a democracia. A partir disso, busca-se compreender como a comunicação política pode ser eficaz, desde que esteja em consonância nas dinâmicas de engajamento da lógica algorítmica, presente nas plataformas.

DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter analítico-descritivo, fundamentada em uma revisão bibliográfica e na leitura interpretativa de textos sobre a extrema direita. A escolha desta abordagem metodológica justifica-se pela necessidade de conferir um significado mais abrangente aos dados extraídos da leitura analítica, indo além das informações primárias e articulando-as com referenciais teóricos previamente consolidados (Gil, 2002).

O processo de coleta de dados foi feito por meio de busca nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online) e no Portal de Periódicos da CAPES, utilizando o descritor “extrema direita” como palavra-chave de pesquisa. Foram priorizados artigos em língua portuguesa, publicados no período de 2020 a 2024, revisados por pares, no periódico CAPES e que contivessem “Extrema direita” ou “Extrema-direita” como palavras-chave e fossem publicados com classificação Qualis A da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Nível Superior). O recorte temporal justifica-se por englobar os eventos de maior tensionamento democrático impulsionados pelas redes sociais no Brasil, abrangendo desde a crise informacional da pandemia de Covid-19 até a hiperpolarização das eleições de 2022 e seus recentes desdobramentos institucionais.

Ao todo, foram identificados 51 artigos que atenderam a esses critérios de inclusão em ambas as plataformas. A partir da leitura interpretativa de seus resumos, foram escolhidos 10 textos que articulavam, de forma direta e central, a ascensão do conservadorismo à lógica algorítmica das plataformas digitais, ao fenômeno da desinformação e aos consequentes desgastes na estabilidade da democracia brasileira. A exclusão dos demais 41 artigos ocorreu porque, embora abordassem a extrema direita, possuíam outros enfoques políticos ou históricos, não tendo como eixo central a intersecção do movimento com a arquitetura das

redes sociais, fugindo assim do escopo estrito desta revisão. Adicionalmente, optou-se pela seleção de três obras bibliográficas, a fim de complementar e aprofundar a discussão teórica sobre o tema. As obras selecionadas foram: *A Máquina do caos*, de Max Fischer (2023), *Os engenheiros do caos*, de Giuliano da Empoli (2019); *O novo poder: Democracia e tecnologia*, de Alex Youssef (2018). As obras convergem na análise, sob diferentes perspectivas, da relação entre as plataformas digitais e transformações nas dinâmicas democráticas contemporâneas.

Para a organização e estruturação teórica do estudo, o texto foi organizado em três seções centrais, com o objetivo de estruturar de forma progressiva a análise sobre a ascensão da extrema direita no Brasil. A primeira seção aborda o contexto histórico e econômico que fundamenta o fenômeno, com ênfase na relação entre o neoliberalismo, transformações digitais e dinâmica política. A segunda seção aprofunda a discussão sobre comunicação política e na arquitetura das plataformas digitais, dando enfoque em como o bolsonarismo e seu uso das plataformas digitais atuam para corroer a estabilidade democrática. Por fim, a terceira seção corresponde à conclusão, sintetizando as principais dinâmicas analisadas, bem como refletidos seus impactos para a democracia brasileira.

1. O contexto histórico e a racionalidade neoliberal na ascensão da extrema direita

No Brasil, o conceito de “nova direita” tem sido utilizado na literatura para descrever o crescimento de um movimento conservador fortemente impulsionado pelo ambiente digital na última década (Massuchin *et al.*, 2022). Embora essa definição seja importante para compreender as inovações e modernizações do fenômeno, a escolha teórica do termo “extrema direita” neste trabalho se fundamenta na perspectiva de que a essência dessa corrente continua a representar uma ameaça direta à democracia, apesar da mudança de pautas que o distanciaram do nazismo clássico ou do integralismo brasileiro (Löwy, 2015). Nesse sentido, a ascensão faz parte de uma tendência global de fortalecimento de forças autoritárias e radicais que se manifesta desde o final do século passado (Reis, 2020).

A compreensão da emergência da direita radical no Brasil e de sua eficácia no ambiente digital demanda uma breve análise dos aspectos econômicos e históricos que permearam esse cenário, visto que o neoliberalismo fez parte do próprio desenvolvimento estrutural das redes. Nesse viés, Reis (2020) aponta que no cerne desse processo encontra-se a revolução digital, que tem alterado radicalmente os padrões civilizatórios, produzindo efeitos sociais, políticos, culturais e econômicos profundamente desestabilizadores, à semelhança do

que fez a civilização fordista. Embora descrita como imprevisível para a ciência política, a ascensão da extrema direita materializou-se no pós-ditadura com a vitória de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 (Ribeiro, 2022).

O momento que se seguiu à redemocratização foi interpretado por Duarte (2023) como uma ofensiva burguesa que corrobora para a ascensão da extrema direita no Brasil, articulando-se para frear os avanços populares por meio de políticas orientadas pelo neoliberalismo. Por meio da mesma lógica de mercado, emergem as plataformas digitais, cuja invenção, conforme apontam Egler e Pereira (2024), se dá a partir do investimento de corporações tecnológicas em pesquisas que desencadearam um processo de privatização, inovando as maneiras pelas quais a acumulação de capital ocorre por meio da ciência de dados. Consequentemente, a bibliografia sugere que a política passa a ser subordinada à racionalidade neoliberal das redes, produzindo assim, a saturação do Estado e da cultura pela lógica de mercado, o que evidencia um desgaste democrático (Youssef, 2018). Desse modo, percebe-se como a elite econômica aprimorou suas estratégias de dominação, criando estruturas de influência tanto no Estado, quanto nas mídias sociais (Duarte, 2023).

Portanto, compreende-se, uma convergência na teoria acerca da presença da racionalidade neoliberal tanto na sofisticação das redes sociais quanto na configuração de um contexto que contribuiu para o avanço do projeto político da direita radical. Reis (2020), destaca que uma das principais particularidades desse movimento é que ele não se confronta abertamente com as instituições democráticas, mas as instrumentaliza, corroendo-as por dentro. Essa estratégia combina eficazmente o recurso às ruas e o uso intenso das mídias sociais no quadro de opções nacionalistas, antidemocráticas e conservadoras. Dessa forma, o ativismo digital de direita, que possui raízes de pelo menos 20 anos na Europa, consolidou-se no Brasil principalmente a partir de 2014, ganhando maior destaque em 2018 e na pandemia da Covid-19, e se organiza nas plataformas *on-line* por meio de um repertório permeado por pautas como o antipetismo e a desqualificação sistemática de adversários (Massuchin *et al.*, 2022).

Para compreender a eficácia desse repertório centrado no antipetismo e na desqualificação de outros atores políticos e instituições, é necessário situá-lo em seu recorte sociopolítico, pois este é apontado como um dos fatores centrais que contribuíram para a erosão da confiança pública, a qual favoreceu a adesão à essa narrativa. Dessa forma, o período histórico que antecedeu a vitória do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro foi caracterizado por uma ambivalência entre avanços socioeconômicos e um profundo desgaste

institucional gerado por escândalos de corrupção e pela precariedade dos serviços públicos (Ribeiro, 2022).

As Jornadas de Junho em 2013, durante o governo Dilma, já inflamavam o cenário político para a adesão ao antipetismo. A literatura aponta que, a partir do envolvimento dos ex-presidentes do PT, Dilma e Lula, em escândalos de corrupção destes ao longo de seus mandatos (Massuchin *et al.*, 2022), observa-se que a pauta ganha maior centralidade. Nessa conjuntura, ainda em 2014, Bolsonaro já se apresentava como pré-candidato, com discursos que criticavam a gestão petista por corrupção e doutrinação ideológica (Perez, 2024), o que explica o seu crescimento rápido e expressivo ao capitalizar essa indignação. Simultaneamente, Ribeiro (2022) aponta que a direita radical passa a se articular para contestar a vitória presidencial de Dilma em 2014.

Como consequência desse tensionamento, tem-se o golpe político que levou Dilma a sair do cargo em 2016. Posteriormente, em 2018, o ex-presidente Lula é preso pelo escândalo de corrupção da operação Lava Jato, e Jair Bolsonaro ganha a presidência da República. É justamente neste momento de instabilidade institucional que as plataformas digitais ganham ainda mais protagonismo no palco eleitoral brasileiro, mostrando seu poder de influência na tomada de decisões eleitorais durante a eleição de 2018 (Scheren *et al.*, 2024) e colocando a figura de Bolsonaro como símbolo de salvação nacional. Vale mencionar que, durante a campanha, a organização e intensa exploração de uma sofisticada rede de comunicações acionou as mídias sociais de modo profissional para divulgar propaganda e disseminar fake news. Somado a isso, o atentado sofrido por Bolsonaro em 2018 foi um trunfo estratégico, permitindo-lhe afastar-se de debates públicos em que suas performances o desfavoreceriam (Reis, 2020).

A fim de entender a complexidade da eficácia bolsonarista nas redes, é necessário retornar às suas bases de formação. Embora a ascensão do bolsonarismo tenha sido impulsionada pela crise institucional iniciada em 2013, suas raízes encontram-se prioritariamente nos traços autoritários que já existiam e eram tolerados durante o período de normalidade democrática, fazendo com que o movimento da extrema direita crescesse por meio das fendas que a própria democracia apresentava (Perez, 2024). Sustentando essa complexidade, um círculo essencial dessa base é constituído por setores populares de classe média (pequenos empreendedores, caminhoneiros, taxistas) que acionam redes como WhatsApp, YouTube e Twitter financiados por empresários. Esses grupos compartilham o conservadorismo social, o ódio às lutas identitárias e a crença no recurso à violência. Nesse

mesmo círculo, inserem-se as milícias que, apesar de autônomas, disputam o controle de territórios nas grandes cidades e figuram como um potencial braço armado para intimidar ou eliminar adversários (Reis, 2020).

2. Comunicação política digital e democracia

Para capitalizar sobre a instabilidade e maximizar o potencial de influência por meio das plataformas, o bolsonarismo estruturou sua comunicação política em torno da pauta do antipetismo, cujo seu ponto fundamental assenta-se no binarismo de “nós x eles” (Massuchin *et al.*, 2022) no ambiente digital. A materialização desse binarismo se evidencia no exemplo do uso da estratégia política bolsonarista baseada no alarmismo político focado na crise da Venezuela como ferramenta de medo, tendo como objetivo assustar o eleitorado disseminando a narrativa de que um possível retorno do Partido dos Trabalhadores (PT) ao governo levaria o Brasil ao mesmo destino venezuelano (Ribeiro, 2022).

Nesse sentido, a bibliografia demonstra a eficiência da extrema direita em se utilizar do ressentimento político histórico, algo que se desenvolve muito bem no contexto das plataformas digitais, assim vê-se a substituição do debate pragmático por uma lógica de aniquilação simbólica do adversário. Essa tática é complementada pela propagação de mensagens focadas em supostamente “desmascarar” opositores funciona como motor para gerar medo e pânico, sendo uma tática essencial no que diz respeito à impulsionar mobilizações e operar a lógica de polarização, na qual o adversário é tratado como uma ameaça que exige a união e a reação imediata do próprio grupo para ser detida (Scheren *et al.*, 2024).

Porém, para a manutenção dessa pauta se sustentar de forma contínua, tornou-se imprescindível a fabricação contínua de inimigos, identificando na literatura especializada um processo constante de desqualificação generalizada por parte do ativismo digital de direita para minar a legitimidade da imprensa (Massuchin *et al.*, 2022). Para que essa polarização se mantenha, ataca-se a própria raiz da verdade factual, gerando uma atual crise de desqualificação do que é considerado “verdade” (Massuchin *et al.*, 2022). Esse movimento é muito bem explicado pelo fenômeno da “pós-verdade”, definida pelo dicionário Oxford como a palavra do ano em 2016, que “remete ao uso que o discurso político faz dessa nova situação de incerteza epistêmica absoluta, operando uma difusão deliberada de desinformação e

fortificando seus adeptos em enclaves de seguidores de tal ou qual “verdade” alternativa, de maneira a bloquear qualquer tipo de interlocução com ideias diferentes.” (Miguel, 2022).

O avanço tecnológico das plataformas digitais é apontado como um fator que transformou profundamente as interações sociais e ampliou a presença digital nos meios de informação e comunicação (Scheren *et al.*, 2024), incluindo também a comunicação política, que hoje passa a operar sob uma lógica algorítmica das redes. Com essa transição para os fluxos digitais de informação, os veículos comunicativos convencionais passaram por transformações que resultaram numa configuração da comunicação política, caracterizada pelo volume massivo de dados (Massuchin *et al.*, 2022). Nesse sentido, Ramos (2023) indica que a eficácia dessa narrativa polarizadora não reside apenas na sua formulação discursiva, mas também na atuação no modelo das plataformas, nas quais o uso de um estilo sensacionalista e insultuoso funciona como estratégia para capturar a atenção por meio da mobilização de afetos, com a indignação e o ridículo.

Consequentemente, segundo Ramos (2023), a dinâmica da comunicação política tradicional – baseada em debates técnicos e teóricos, dados e negociações – foi substituída por conflitos, fazendo prevalecer a lógica da força, da imposição e da submissão ao adversário. Fisher (2023) descreve bem esse processo ao analisar que a lógica algorítmica das redes sociais no processo de propagação do extremismo, desenhando o ciclo de retroalimentação da extrema direita com as plataformas digitais.

As empresas dirigentes que controlam essas plataformas apresentam o objetivo fundamental de consumir o máximo possível do tempo e da atenção dos usuários, a fim de lucrar com as publicidades presentes. Seguindo essa lógica neoliberal, os ambientes virtuais demonstram prioridade aos conteúdos de ódio e indignação, distorcendo a percepção de realidade dos usuários, fazendo com que acreditem que o mundo é mais extremado do que de fato é. Sendo assim, o sucesso do ativismo da direita nas plataformas digitais é fruto de uma ideologia que se vê extremamente relacionada com os algoritmos de engajamento presente nas redes sociais. Essa dinâmica fica mais clara quando Empoli (2019, p. 78) aponta que “A indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero se propagam nas telas e proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates enfadonhos da velha política.”.

Movidos por interesses comerciais e pela tendência psicológica humana de evitar a dissonância cognitiva, os algoritmos funcionam personalizando o confinamento dos usuários em bolhas informacionais, fazendo com que a validação de qualquer ideia dependa

unicamente da aceitação pelo seu próprio grupo de convivência virtual (Miguel, 2022), contribuindo para a polarização. Nesse sentido, a audiência tornou-se um produto comercializado e explorado, do mesmo modo que o capital e o enriquecimento político transformam-se numa disputa para capturar e engajar o público. Consequentemente, observa-se o deslocamento da comunicação política do debate racional para a mobilização de afetos, com uma maior circulação de pautas radicais que favorecem o extremismo e o ódio. Complementarmente, Ramos (2023) também indicou que a arquitetura das plataformas digitais altera o sentido dos fatos, quando transfere a validação da informação das instituições tradicionais, como a ciência e o jornalismo, para uma lógica neoliberal orientada pela audiência (Ramos, 2023).

Dessa forma, esse binarismo radical é interpretado pela literatura como um mecanismo que acaba ressignificando a realidade em uma “guerra cultural” (Ribeiro, 2022), sendo reforçado pela lógica das redes sociais, que, segundo Fisher (2023), favorece a polarização ao promover o engajamento do extremismo. Nesse contexto, o extremismo gerado por essa narrativa de contraposição política tende a se reproduzir e se intensificar no interior das dinâmicas da extrema direita. O conceito de “guerra cultural” foi muito utilizado por Olavo de Carvalho, um dos principais consolidadores da base ideológica bolsonarista (Duarte, 2023), para consolidar um viés reacionário, fundamentado no anticomunismo e na mobilização do pânico moral.

O pânico moral, como estratégia de comunicação política, é definido por Miguel (2022) como uma reação emocional pautada no medo, acionada conforme o senso comum se vê ameaçado por novos saberes que desafiam o funcionamento de instituições tradicionais, como a família, comprometendo a capacidade de reflexão e o debate racional. Importando as pautas da extrema-direita estadunidense, Olavo de Carvalho propagou a teoria conspiratória de que a esquerda estaria promovendo uma revolução para dominar a educação e a cultura. Assim, o anticomunismo funcionou como justificativa para a desqualificação do governo contra produções científicas, artísticas e intelectuais do país (Duarte, 2023).

A literatura aponta que a importância de Olavo de Carvalho para a ascensão da extrema direita se manifesta tanto no fomento de ataques às instituições científicas e midiáticas e na legitimação da violência contra opositores (Egler Pereira, 2024), quanto na introdução e normalização de uma retórica agressiva como ferramenta de comunicação política (Ramos, 2023). Nesse sentido, sua atuação é frequentemente associada a Steve Bannon, figura relevante do populismo digital internacional, cuja influência se estende à

formulação de estratégias de comunicação baseadas na manipulação de dados e na disseminação de desinformação (Ribeiro, 2022).

Compreendido o contexto estrutural e ideológico da ascensão da extrema direita no Brasil, permeado por uma comunicação política que se utiliza da retórica da fabricação de inimigos e a mobilização de afetos por ela fomentados, tem-se como consequência a consolidação de um movimento anti-intelectualista e a epidemia da *fake news*. A partir da instrumentalização de sentimentos como a indignação, o ressentimento e o pânico moral, Miguel (2022) aponta que a arquitetura ideológica e tecnológica contribuiu para a construção de uma rejeição à racionalidade, na qual o anti-intelectualismo se manifesta pela desvalorização do rigor científico em favor de teorias conspiratórias, ao mesmo tempo em que a projeção de uma imagem rude e anti-elitista por lideranças do populismo de direita atua como estratégia de identificação com seus seguidores, reforçando a hostilidade ao saber acadêmico, processo que também encontra suas bases no neoliberalismo.

Em suma, a literatura evidencia que a sustentação da extrema direita no Brasil depende do cultivo do anti-intelectualismo. Esse movimento, estruturado a partir da narrativa de uma “guerra cultural”, que elegeu a educação e a cultura como alvos prioritários, é bem exemplificado na narrativa mobilizada por Jair Bolsonaro que, expandiu o conceito tradicional de corrupção, como no caso da falsa narrativa do “kit gay”, construindo a imagem de um governo que atuaria simultaneamente na proteção econômica e moral da sociedade (Perez, 2024).

Ribeiro (2022) indicou que essa dinâmica opera dentro de uma espécie de “Brasil paralelo”, onde o armamento civil, a impunidade discursiva, o fanatismo cívico-cristão e a exaltação ao militarismo e à ditadura são normalizados, evidenciando, sob uma ótica psicanalítica, o sintoma de um grupo que nega a realidade para propagar desinformação. De modo complementar, Egler e Pereira (2024) apontam que, com o acesso massivo às redes sociais, esses indivíduos acabam consumindo apenas essas informações restritas, imergindo em uma “realidade paralela” que lhes proporciona um forte sentimento de identidade e pertencimento.

Segundo Duarte (2023), como o movimento não conseguiu consolidar um partido neofascista de massas, as redes sociais e as milícias digitais preencheram essa lacuna institucional por meio da propagação de *fake news*, criando uma falsa sensação de proximidade popular que permite ao líder evitar debates aprofundados para os quais não tem preparo. Além disso, nota-se que as narrativas de desinformação são frequentemente

impulsionadas por mídias hiper partidárias de extrema direita que, disfarçadas de veículos jornalísticos legítimos, utilizam técnicas de engajamento baseadas no anonimato, no sensacionalismo e em caça-cliques para propagar sua ideologia (Massuchin *et al.*, 2022). Somada a isso, a produção de fake news tornou-se altamente sofisticada com o uso de inteligência artificial e manipulando audiovisual por produtores de conteúdo, que forjam cenários e representações fictícias com o único objetivo de desinformar e manipular a política em favor de valores autoritários (Egler; Pereira, 2024).

O ápice e a consequência mais letal desse projeto anti-intelectual materializam-se de forma mais evidente durante a pandemia do Covid-19, quando as redes sociais se consolidaram como ambientes de caos informacional e intensa proliferação de notícias falsas, fenômeno que alcançou seu auge principalmente com os movimentos antivacina (Scheren *et al.*, 2024). Nesse contexto, as plataformas passam a operar como canais de disseminação das narrativas do ex-presidente Bolsonaro, marcadas pela disseminação de acusações falsas, principalmente sobre a pandemia do Covid-19 (Egler; Pereira, 2024). Simultaneamente, observa-se em 2020, um aumento expressivo de ataques contra a imprensa, motivados principalmente pela cobertura da pandemia, onde a mídia tornou-se alvo de grupos de direita por apresentar narrativas, como a defesa do isolamento social, que contrariavam o discurso defendidos pelos ativistas (Massuchin *et al.*, 2022). Egler e Pereira (2024) apontam que esse ecossistema de fake news atua de maneira estruturada para gerar, na vida humana, um deslocamento absoluto da realidade factual, cujo objetivo no tecido social é consolidar um Estado autoritário, tradicionalista e de extrema direita.

Essa dinâmica deve ser compreendida através da reconfiguração mais ampla do sistema comunicacional uma vez que as instituições midiáticas, enquanto parte das instituições sociais, embora historicamente centrais na produção da informação, perdem sua hegemonia com a digitalização dos fluxos comunicacionais, dando lugar a uma comunicação descentralizada e permeada por atores não institucionais (Massuchin *et al.*, 2022). Nesse cenário, a comunicação política desloca o foco da construção de consensos para a mobilização de afetos e conflitos, intensificando a fragmentação social (Empoli, 2019). Como indicam Reis (2020) e Duarte (2023), essa transformação se articula ao avanço de movimentos de extrema direita que, em vez de romper com a democracia, passam a instrumentalizá-la, corroendo suas bases por dentro por meio do uso estratégico das mídias digitais e da desinformação. A ampliação da visibilidade de discursos nas plataformas digitais favorece a circulação de conteúdos conservadores e, por vezes, antidemocráticos, além de intensificar

processos de desinformação e deslegitimação institucional, o que representa riscos à estabilidade democrática (Massuchin et al., 2022).

Nesse sentido, a corrosão do sistema democrático brasileiro pode ser diretamente associada à reconfiguração do ambiente digital, que descentralizou a comunicação e transferiu o poder de validação de verdade para a própria audiência, fragilizando profundamente a autoridade de instituições jornalísticas científicas e administrativas (Ramos, 2023). Quando o controle institucional sobre as narrativas é dificultado, consolida-se um cenário de desconfiança pública generalizada, o que compromete o apoio ao regime democrático (Massuchin *et al.*, 2022). Aproveitando-se desse vácuo de credibilidade institucional, ideólogos da extrema direita consolidaram a falsa premissa de que a esquerda teria dominado os aparelhos culturais e corrompido o sistema de justiça, utilizando essa retórica como justificativa central para atacar a ordem democrática do país (Perez, 2024). Ironicamente, a própria mídia tradicional contribuiu para a concretização desse cenário antidemocrático ao, muitas vezes, falhar em seus preceitos éticos e optar por amplificar discursos de líderes populistas em vez de atuar na defesa da democracia (Massuchin *et al.*, 2022).

A partir dessa base, o bolsonarismo consolidou a transição do extremismo na comunicação política brasileira, configurando-se como um movimento de tendências neofascistas que mobilizou setores da classe média em um ataque direto à política democrática (Duarte, 2023). Essa radicalização também se expressa no plano simbólico e discursivo da linguagem, por meio da normalização de linguagens que operam na deslegitimação de minorias e na negação de direitos, como no uso de expressões destinadas a silenciar o dissenso (Pasinatto; Oliveira, 2023). Amparados pela legitimidade simbólica do poder político, seus apoiadores passam a se sentir plenamente autorizados a questionar e atacar o regime democrático vigente, promovendo de forma sistemática discursos de ódio, teorias conspiratórias e falsas alegações de fraude eleitoral (Scheren *et al.*, 2024). Como resultado, a violência política e o clima de conflito permanente passam a operar como instrumentos de gestão e mobilização, intensificando a polarização, tensionando instituições e fragilizando de maneira estrutural as bases do Estado democrático de direito (Duarte, 2023).

CONCLUSÃO

Conclui-se que, a partir da análise da literatura, observa-se uma convergência significativa entre os autores no que diz respeito à relação entre a ascensão da extrema direita

no Brasil e as transformações promovidas pelo ambiente digital, analisada sob a perspectiva da racionalidade neoliberal (Youssef, 2018; Duarte, 2023; Egler; Pereira, 2024). No que diz respeito às redes sociais, a literatura demonstra que a estrutura das plataformas é desenhada para confinar os usuários em bolhas informacionais que retroalimentam a dissonância cognitiva, criando uma espécie de “realidade paralela” (Miguel, 2022; Fisher, 2023; Egler; Pereira, 2024). Essa imersão afasta o corpo social da realidade factual e o insere em dinâmicas constantes de “guerra cultural”, tornando o anti-intelectualismo, o ressentimento e as teorias conspiratórias altamente funcionais e lucrativos para a lógica corporativa e para a construção da narrativa conservadora (Duarte, 2023; Perez, 2024).

Aprofundando essa dinâmica, a revisão evidencia que o sucesso do ativismo digital de extrema direita está diretamente vinculado à lógica algorítmica das plataformas, que privilegia conteúdos sensacionalistas, polarizadores e emocionalmente engajadores (Empoli, 2019; Fisher, 2023; Ramos, 2023). Nesse cenário, a comunicação política passa a se orientar pela lógica de engajamento, na qual conteúdos marcados pela indignação, pelo conflito e por insultos, adquirem maior visibilidade, em detrimento de debates racionais (Empoli, 2019; Ramos, 2023). Aproveitando-se desse contexto, os movimentos de extrema direita souberam explorar com eficácia essa lógica, utilizando estratégias baseadas na desinformação, na mobilização de afetos e na construção de antagonismos - como o binarismo político e a propagação do pânico moral (Miguel, 2022; Massuchin *et al.*, 2022; Scheren *et al.*, 2024) -, o que contribui para a intensificação da polarização e para o enfraquecimento das mediações democráticas.

Em uma perspectiva mais ampla, os estudos revelam que essa reconfiguração do ambiente comunicacional associa-se diretamente à perda de centralidade das instituições tradicionais de produção e validação da verdade, como a imprensa e a ciência, ao mesmo tempo em que se consolida um ambiente descentralizado marcado pelo fenômeno da “pós-verdade” (Ramos, 2023; Oliveira; Gomes, 2019; Miguel, 2022; Massuchin *et al.*, 2022). Entende-se portanto, que a corrosão do ambiente democrático por meio da ascensão da extrema direita, não se dá apenas por um uso instrumental das redes, mas devido à incompatibilidade estrutural entre a lógica algorítmica e os conteúdos disseminados por esses grupos. Pautada no desgaste emocional, essa estrutura inviabiliza o debate racional e permite que grupos radicais instrumentalizem as instituições para corroê-las por dentro (Reis, 2020; Arão, 2025). Este processo contribui decisivamente para a fragilização da confiança pública e para a intensificação das crises institucionais (Reis, 2020; Duarte, 2023).

Em suma, esta revisão demonstra que o ambiente digital contemporâneo deve ser compreendido como um elemento estruturante das dinâmicas políticas atuais, e não apenas como um meio neutro de comunicação, visto que a articulação entre racionalidade neoliberal, arquitetura das plataformas e estratégias políticas redefine as formas de participação, informação e disputa simbólica na democracia (Reis, 2020; Duarte, 2023; Youssef, 2018). Diante da complexidade e da constante mutação arquitetônica dessas tecnologias, torna-se imprescindível a realização de novos estudos e pesquisas focados exclusivamente em compreender e regular o ambiente digital. Nesse sentido, a centralidade das redes sociais na organização do debate público evidencia a necessidade de um aprofundamento teórico e empírico sobre seus impactos, indicando que o ambiente digital, enquanto objeto de estudo, ainda demanda investigações mais amplas e sistemáticas para a compreensão de seus efeitos de longo prazo sobre as democracias contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ARÃO, Cristian. A Caixa de Pandora da extrema direita: como as redes sociais contribuem para o enfraquecimento da democracia. **Veritas**, Porto Alegre, v. 70, n. 1, p. 1-16, 2025.
- CANAVILHAS, João. A Comunicação Política na Era da Internet. **VIII Lusocom (Universidade da Beira Interior)**, p. 1-14, 2009.
- CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lennita; RUGGI, Julia de Oliveira. Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Rousseff no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 523-546, 2018.
- DUARTE, Kamilla Alves. Dominação burguesa entre o velho e o novo: a ascensão da extrema-direita no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, n. 3, p. 1-19, 2023.
- EGLER, Tamara Tania Cohen; PEREIRA, Thiago Costa. Rede tecnopolítica de extrema direita e democracia no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 47, p. e2024110, 2024.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2002.
- LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, 2015.
- MASSUCHIN, Michele Goulart. et al. “LIXO!”, “ESQUERDISTA!”, “CANALHA!”, “#FAKENEWS”, MAS NEM TANTO: ataques e críticas à imprensa em meio ao uso estratégico do jornalismo pelo ativismo de extrema direita online no Brasil. **Brazilian Journalism Research**, v. 18, n. 3, p. 492-523, 2022.
- MAYER, Rodrigo. A extrema direita hoje de Cass Mudde: um guia para compreender o radicalismo de direita. **Cadernos Prolam/USP-Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 22, n. 47, p. 288-295, 2023.
- MIGUEL, Luis Felipe. A Cruzada Contra o Capital Cultural. **Mediações**, v. 27, n. 3, p. 1-19, 2022.
- OLIVEIRA, André Soares; GOMES, Patrícia Oliveira. Os limites da liberdade de expressão: fake news como ameaça a democracia. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 20, n. 2, p. 93-118, 2019.

PASINATTO, Rubiamara; OLIVEIRA, Lisiane Alcaria de. “Chega de [...] mi-mi-mi”: o funcionamento discursivo da expressão e seus efeitos de sentido no Twitter. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 23, p. 1-16, 2023.

PEREZ, Rodrigo. Os signos de crise na imaginação política bolsonarista (2014-2022). **Caderno CRH**, v. 37, p. 1–26, 2024.

RAMOS, Jair de Souza. Frouxonauro e cornoservadores: metáforas de virilidade masculina no ativismo digital da extrema direita brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 39, p. e22309, 2023.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Pelotas, v. 16, n. 2, p. 60-67, 2014.

REIS, Daniel Aarão. A extrema-direita brasileira: uma concepção política autoritária em formação. **Anuário**, n. 32, p. 1-24, 2020.

RIBEIRO, Guilherme. A metapolítica do bolsonarismo: considerações sobre o modus operandi da extrema-direita brasileira. **Revista Continentes**, v. 1, n. 20, p. 71–99, 2022.

SCHEREN, Maria Luiza et al. Métodos mistos para a antropologia digital: um relato de experiência sobre a análise de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram. **Horizontes Antropológicos**, v. 30, n. 68, p. 1–33, 2024.

YOUSSEF, Alê. **Novo poder: democracia e tecnologia**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.